

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Renan Almeida Barjud

**RAÇA EM JOGO:
O negro no futebol campineiro
no início do século XX**

Campinas
2008

Renan Almeida Barjud

**RAÇA EM JOGO:
O negro no futebol campineiro
no início do século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Campinas
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

B142r

Barjud, Renan Almeida.

Raça em jogo: o negro no futebol campineiro no início do século XX /
Renan Almeida Barjud. – Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Negro. 2. Futebol - Historia. 3. Campinas-SP. I. Reis, Heloisa
Heloisa Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

asm/fef

Renan Almeida Barjud

**RAÇA EM JOGO:
O negro no futebol campineiro
no início do século XX**

Este exemplar
corresponde à redação
final do Trabalho de
Conclusão de Curso
(Graduação) defendido
por Renan Almeida Barjud
aprovado pela Comissão
julgadora em:

____/____/____.

Prof. Dra. Heloisa Helena
Baldy dos Reis
Orientador

Prof. Ms. Thiago de Aragão
Escher
Banca

**Campinas
2008**

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família e a todos que de alguma forma contribuíram com minha jornada até aqui.

Agradecimentos

Sou grato a muitas pessoas que passaram por minha vida e a influenciaram de alguma forma significativa. Aqui deixo uma pequena homenagem a algumas dessas pessoas.

Primeiramente agradeço à minha mãe, que além de cumprir todos aqueles papéis (dar à luz, alimento e cuidado), foi sempre um grande exemplo de ser humano. Forte, continuamente defendendo nossa família nas mais diversas dificuldades e, acima de tudo, sempre lutando e nos ensinando a lutar pela nossa felicidade.

Agradeço à minha irmã pela paciência comigo, e na falta dela, agradeço pelas nossas brigas (dizem que brigar às vezes faz bem).

Agradeço ao meu irmão por pentelhar-me e me deixar pentelhá-lo.

Agradeço aos muitos amigos que tive o privilégio de conhecer na faculdade, e que tornaram esses anos de graduação muito interessantes.

Agradeço ao professor Vinicius Terra por suas fantásticas aulas de História da Educação Física e do Esporte que me fizeram perceber a beleza que é pensar a Educação Física.

Agradeço a todos os professores da FEF que pensam seu ofício de docência como uma prática social no caminho de uma sociedade mais justa.

Agradeço aos funcionários desta instituição. Sem eles nada aconteceria.

Agradeço aos integrantes do Grupo de Estudo de Futebol (GEF), grupo do qual fiz parte e que foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à professora Heloisa Reis por me orientar em meio a tantas outras orientações e afazeres que a academia exige. A confiança depositada e o espaço para fazer este estudo foram muito importantes para mim. Obrigado.

Por último, gostaria de agradecer a Fernanda, companheira, amiga, namorada - teve de ter muita paciência nos finais de semana que foram ocupados com esse estudo. Nesses cinco anos, viveu um pouco minha faculdade assim como vivi a dela, me apoiando em momentos decisivos até aqui. Obrigado.

BARJUD, Renan Almeida. **RAÇA EM JOGO**: o negro no futebol campineiro no início do século XX. 2008. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

O período em que o futebol chegou ao Brasil está muito próximo à data da abolição da escravidão no país. Em pouco espaço de tempo o futebol como esporte, inicialmente adotado pela elite brasileira como forma de lazer promovendo acontecimentos sociais, passou a ser praticado por diferentes classes e grupos de pessoas. É nesse contexto que o negro começou a fazer parte desse esporte. Essa pesquisa busca uma maior compreensão da inserção dos negros no futebol campineiro nas três décadas iniciais do século XX, período em que entendemos estar presentes os processos de difusão e uma crescente profissionalização do futebol. Para tanto, procuramos observar as diversas relações que se configuram nesse tempo e espaço, tais como: a relação entre negros e brancos, entre negros e a prática do futebol, entre a sociedade campineira e o negro. Elegemos como fontes principais jornais da época que trouxessem notícias sobre futebol e/ou negros e literatura a respeito da participação dos negros no futebol em outras localidades. A pesquisa se insere em uma concepção de esporte como espaço de atuação social dos indivíduos, em que as relações decorrentes no futebol são indissociáveis das relações sociais como um todo.

Palavras-Chaves: Negro; Futebol; História; Campinas;

BARJUD, Renan Almeida. **RAÇA EM JOGO**: o negro no futebol campineiro no início do século XX. 2008. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The period in which football arrived in Brazil is very close in time to the abolition of slavery in the country. In a short while, football as a sport – initially adopted by the Brazilian upper classes as a leisure practice that could promote social events – came to be practiced by different classes and groups of people. It is in this context that black people started to be a part of this sport. This research is aimed at better comprehending the insertion of black people in the football scene of Campinas in the first three decades of the 20th century, in which period is here thought to be present the processes of diffusion and gradual professionalization of football. To do so, we have sought to observe the different relations that take place in the time and space of the study, such as: the relation between black and white people, between black people and football practice, between the society of Campinas and the blacks. As main sources, it was elected newspapers from the period that presented pieces on football and/or black people and literature on the participation of blacks in the football scenes of other localities. This research is inserted in a conception of sport as a space for individual acting on a social basis, configuring a context in which the relations deriving from football are not separated from social relations as a whole.

Keywords: Black people; Football; History; Campinas :

SUMÁRIO

1 Introdução	09
2 O início: futebol no Brasil	10
3 Escrevendo sobre o futebol	16
3.1 Revisão da literatura sobre a questão dos negros no futebol no Brasil	16
3.2 Cobertura jornalística: imprensa, futebol e população negra na cidade de Campinas entre 1900 e 1930	23
4 Negro, futebol e sociedade	30
4.1 Sociedade racalista e teorias raciais	30
4.2 Quem era o jogador negro	33
4.3 Futebol como fortalecedor de identidades	37
5 Futebol em conflito	40
5.1 Profissionalismo x Amadorismo	40
Considerações Finais	46
Referências Bibliográficas	48

1) Introdução

Estudar a história do negro no futebol campineiro é adentrar um espaço de constantes conflitos e transformações, onde diversos personagens se aproximam e se distanciam conforme as idéias presentes em seus cotidianos. O que reflete em um campo privilegiado para análises. Dessa maneira, o futebol pode ser visto como um catalisador e um ótimo expoente dos ideais e dos conflitos presente na sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo procurar uma melhor compreensão sobre o início da participação do negro no futebol, tendo como base minha pesquisa de iniciação científica, realizada entre os anos de 2006 e 2007. Utilizou-se como fonte primária os jornais referentes à cidade de Campinas, estabelecendo de 1900 a 1930 como período a ser analisado. Tendo, assim, compreendido o período inicial da prática do futebol na cidade, sua popularização e o processo de profissionalização, que no Brasil ocorrerá em 1933.

Início o trabalho descrevendo a chegada do futebol no Brasil, as características que marcavam essa prática e o cenário em que se insere. Em seguida, no terceiro capítulo, faço uma breve revisão da literatura estudada em que se encontrou algum espaço destinado à discussão sobre o negro no futebol. Ainda no terceiro capítulo apresento a imprensa de Campinas e os jornais estudados. No quarto capítulo se inicia as discussões referentes aos negros no futebol na referida cidade. O quinto capítulo traz os conflitos pertencentes a um âmbito nacional. Tratando da questão “amadorismo x profissionalismo”, procuro analisar as discussões que colocaram em foco os negros e o racismo presente em nossa sociedade. Por fim, trago minhas considerações finais.

2) O início: futebol no Brasil

Quando o futebol chegou ao Brasil – e em Campinas – o país estava vivenciando tempos de mudanças. A grande expansão dos impérios coloniais europeus após 1870 ocasionou o aumento do controle político e da exportação de capital europeu ao redor do globo. “Nas últimas décadas do século XX, a América Latina, bombardeada por maciços investimentos de capitais europeus, trilha decididamente o caminho da ‘ocidentalização’ na sua forma burguesa-liberal, num processo de mudança muitas vezes brutal e de alto custo social”.¹ Neste contexto, o Brasil se integrou mais decididamente à economia capitalista. Esse processo foi impulsionado tanto pela abolição da escravidão, em 1888, quanto pela proclamação da república, em 1889.² Adicione-se a isso a chegada da modernidade ao país – representada, entre outros, pelas ferrovias, pelo crescimento industrial e pela urbanização – e o grande número de imigrantes, em sua maioria europeus, que foram estimulados a vir ao país para trabalhar principalmente na colheita do café, e tem-se um quadro de profundas transformações políticas, econômicas e sociais.

Em Campinas, os sinais mais aparentes da chegada da modernidade surgiram a partir de 1870, com o aumento da urbanização e o crescimento industrial.³ Nessa mesma década, foram construídas as primeiras estradas de ferro e a cidade ganhou iluminação à gás. Na década seguinte, apareceram bondes de tração animal e os primeiros telefones.⁴ Dedicada principalmente ao cultivo do café, a cidade viu o aumento de sua população, que já contava com um grande número de escravos, tanto pela urbanização quanto pela chegada de imigrantes, desde a metade do século XIX.⁵ Esse processo de modernização e aumento de população foi interrompido pelos surtos de febre amarela que se abateram sobre a cidade a partir de 1889. Mas nas décadas seguintes, Campinas veria transformações urbanas como conseqüências de políticas de saneamento, higiene e saúde pública que lhe permitiriam voltar a crescer. Ao mesmo tempo em que permitiam um maior controle sobre as epidemias, tais

¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001, p.48.

² Ibidem, pp. 48-49.

³ ZAGO, Vítório Luis Oliveira. *O Futebol em Campinas: A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 48.

⁴ ABRAHÃO, Fernando Antonio. *Criminalidade e modernização em Campinas: 1880 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 46.

⁵ ZAGO. *Op. cit.*, p. 51.

transformações, ao longo das primeiras décadas do século XX – semelhantes ao que houve no Rio de Janeiro durante o governo de Pereira Passos (1902-1906) – visavam à manutenção do centro da cidade como área da elite, enquanto as classes mais baixas eram empurradas para as periferias.⁶

Nesse contexto, muito da cultura européia foi incorporada à vida cotidiana das elites brasileiras, e é assim que o futebol inseriu-se no Brasil, como prática fundamentalmente inglesa. Ele se configurou, tal qual em seu país de origem, como uma prática social que iria promover redes de relações singulares na sociedade. Para melhor compreender esse papel que o futebol assumiu, é necessário voltar às suas origens.

O futebol como esporte moderno surgiu na Inglaterra, fruto de um longo processo de controle e apropriação dos jogos populares pela classe dominante. Damo⁷ faz uma interessante retomada desse movimento:

A invenção dos esportes modernos pode ser considerada uma dupla institucionalização dos antigos jogos populares. A primeira, marcada pela convergência dos jogos para as cortes e instituições escolares, especialmente para as *Public Schools*, foi lenta, gradativa e produziu mudanças não apenas em termos de significado e função mas também na forma como tais jogos passaram a ser praticados: em geral, menos violentos, mais disciplinados, regrados e, por isso mesmo distintos entre si. Nessa primeira institucionalização os jogos assumiram as conotações da corte ou das escolas freqüentadas pela nobreza e alta burguesia. A segunda institucionalização, caracterizada pela difusão dos esportes desde o contexto das cortes e das *Public Schools* para os clubes, associações e ligas independentes, foi extremamente rápida e de acordo com as mudanças no seio mais amplo da sociedade inglesa da segunda metade do século XIX. Forjou-se (...) a institucionalização de códigos, valores e atitudes em nome das quais as disputas foram implementadas, de tal forma que os esportes se tornaram uma arena privilegiada para a representação mimética das diferenças socioculturais, especialmente, aqueles de natureza coletiva.⁸

Dizer que o futebol é um esporte moderno significa remetê-lo a uma construção em um determinado tempo e espaço, elaborada por um grupo mais ou menos definido da sociedade, cujos valores são atribuídos à prática. Assim, quando, em 1863, 11

⁶ ABRAHÃO. *Op. cit.*, p. 47.

⁷ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica entre os torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

⁸ *Ibidem*, p.23

representantes de clubes e escolas reuniram-se e fundaram a *Football Association*⁹, o que caracterizava o futebol era sua constituição como um espaço de sociabilização da elite inglesa imersa em um ambiente de constante modernização e desenvolvimento de uma cultura capitalista burguesa que veria, em poucas décadas – devido à sua rápida popularização – a profissionalização do futebol como uma de suas marcas. A relação entre burguesia e aristocracia no período de emergência do futebol como um esporte moderno coloca questões a respeito do papel dessa prática (por exemplo: quais os limites entre o futebol da nobreza e o da burguesia? É seguro afirmar que o futebol da nobreza se fundamenta a partir do princípio da distinção social, ao passo que o da burguesia abre possibilidades de participação para a sociedade em geral?) que, apesar de seu grande interesse para um estudo detalhado do esporte, acabam indo muito além do âmbito deste presente estudo. De qualquer forma, uma possibilidade de interpretação que surge, depois dos textos lidos, é que, se em um primeiro momento, restrito à aristocracia e à alta burguesia, o futebol assumiu valores de distinção como esporte amador, como o passar dos anos, incorporando os valores burgueses, inicia-se o processo de profissionalização do futebol, primeiramente com o amadorismo marrom, para então instituir legalmente o profissionalismo. A mercadorização irá alargar as fronteiras do futebol estendendo-o à população.

Isso indicaria, como já apontado em uma das questões acima citadas, que o esporte em geral (e o futebol, portanto) teria assumido, em um momento inicial, características prezadas pela nobreza, que exaltavam a distinção social. Assim, o esporte seria praticado apenas pela elite, em um esquema de amadorismo. A partir da ascensão da burguesia, o esporte teria passado a assumir, ao longo do tempo, um caráter mais aberto, vinculado ao sistema de mercado, em que teria se constituído como prática profissional. É importante lembrar que essa análise deixa de fora as formas com que as classes populares puderam se relacionar com o esporte e praticá-lo mesmo durante o período em que ele foi amador. E é nessa direção que segue este estudo, buscando observar a participação dos negros no futebol brasileiro antes de sua profissionalização.

O futebol chegou ao Brasil por vários¹⁰ caminhos, e desses se destacam duas formas: trazido pelos imigrantes europeus¹¹ e seus descendentes brasileiros,

⁹ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 18. O *Football Association* foi o modelo de jogo que marcou a passagem para o futebol que praticamos hoje.

¹⁰ Em seu livro *Futebol: uma paixão nacional* Aquino traz várias referências do futebol praticado na segunda metade do século XX em locais diversos, pp. 24-25.

sendo que muitos desses eram jovens que iam à Inglaterra, dentre outros países, para estudar. Como já citado no trecho de Damo, as escolas inglesas foram um dos locais onde o esporte se consolidou. Regressando ao Brasil, os descendentes não demoraram a divulgar essa prática esportiva entre seus conterrâneos, como é o caso de Charles Miller, que incorporou a prática ao São Paulo *Athletic Club* (SPAC), clube freqüentado por membros da elite da colônia britânica. A outra forma se deu por meio de educadores, geralmente padres, que buscaram na Europa novos conteúdos pedagógicos para suas instituições de ensino e trouxeram, entre esses conteúdos, o futebol. Assim, como prática lúdica e pedagógica, o futebol praticado nessas escolas não tinha caráter esportivo, apesar de muitos alunos se tornarem posteriormente jogadores e importantes divulgadores do esporte.¹²

Usualmente, credita-se a Charles Miller o pioneirismo da difusão do futebol no país, em 1894. Essa visão é criticada por Santos Neto¹³ por não levar em conta outras formas em que o futebol foi praticado, antes mesmo da chegada de Charles Miller da Europa. Isso é muito importante para pensarmos em outras estruturas que o futebol pode ter assumido, mas é válido compreender que Miller, entre outros que fizeram o intercâmbio, inauguraram no país um modelo de futebol que seria praticado nos clubes, nos colégios, nas fábricas. Dessa maneira, eles promoveram uma rede de socialização nacional e internacional.¹⁴

Além de Charles Miller em São Paulo, tivemos¹⁵: Oscar Cox, também recém retornado dos estudos na Inglaterra, promovendo o futebol no Rio de Janeiro, fundando o Fluminense F.C. em 1902; no Rio Grande do Sul em 1903, contando com a existência do S.C. Rio Grande (1900), o descendente de inglês, Arthur Lawson, organizou duas equipes para jogar uma partida em Porto Alegre, o que despertou o ânimo de jovens brasileiros e estrangeiros para formar times na capital gaúcha; em Pernambuco, foi Guilherme de Aquino Fonseca, que estudara na Inglaterra, quem incentivou a prática. Esses são apenas alguns exemplos para ilustrar o intercâmbio cultural que culminou em uma das maiores práticas de lazer que conhecemos hoje. Esses são nomes aos quais temos acesso através de documentos. É importante salientar que eles participaram da difusão do futebol ligado essencialmente a

¹¹ Embora a Inglaterra seja o centro da prática do esporte naquele período, imigrantes de outros países, do continente europeu, organizados no Brasil, muitas vezes, em forma de colônias, também contribuíram com o ensino e a difusão do futebol no país.

¹² SANTOS NETO, José Moraes. *Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Quando se pensa nos times de outros países que vieram ao Brasil para disputar partidas e partidas que times daqui iam disputar no exterior

¹⁵ Ver em AQUINO, Rubim Santos Leão de. “O futebol chegou ao Brasil”. *Op. cit.*, pp. 24 -30.

clubes. Fora desse âmbito fica difícil identificar outras formas de importação do futebol por falta de documentação.

Em Campinas, as principais portas de entrada do futebol foram as colônias de imigrantes, os estabelecimentos de ensino e as estradas de ferro.¹⁶ Um exemplo de um grande time que figurou os jornais da primeira década e surgiu em um colégio foi o *Gymnasio Athletic Club*. Dentre as colônias, surgiu o *London F. C.* em que jogavam os ingleses. Já as estradas de ferro têm uma importância singular para o início da prática do futebol em Campinas. Essas estradas, ainda em fase de construção, necessitavam de trabalhadores especializados, dentre eles muitos estrangeiros que haviam tido contato com a prática do futebol em seus países. É nesse contexto que surge, em 1900, o time de futebol Ponte Preta.

Uma das intenções iniciais desse estudo era tomar a Associação Atlética Ponte Preta como referencial ao longo da pesquisa, pois sua fundação data de 1900 e se constituiu como um caso ímpar: possuiu jogadores negros logo em seu início¹⁷. Infelizmente, não foi encontrada nenhuma reportagem sobre a Ponte Preta nos jornais na primeira década, enquanto que na segunda e terceira foi encontrado apenas um pequeno número de notícias pouco relevantes ao tema.

Devido à escassez de informações sobre o time da Ponte Preta, estabeleceu-se um contato com o historiador José Moraes dos Santos Neto, que além de ter escrito livros sobre o time, possui um vínculo muito grande com a A.A.P.P.¹⁸ Santos Neto revelou que quase tudo o que existe de documentação pertence ao seu arquivo pessoal, o que revela que não houve uma preocupação da associação em manter sua história preservada, fato recorrente a muitos clubes do país. A partir desse contato e das leituras de livros pode-se compreender um pouco mais sobre a história desse time e de que forma ele possibilitou a participação de negros, o que dificilmente pode ser encontrado, nesse mesmo período, em outros times no Brasil.

Cabe citar aqui Luiz Calos Rigo, que em sua tese *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, ao fazer referência ao time Farroupilha – no qual a questão da cor não seria motivo de exclusão, isso porque a identificação mais forte era com o vínculo militar – destaca as possibilidades de “outras marcas identitárias, sentimentos de pertencimento, que

¹⁶ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000, p. 33.

¹⁷ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão*. *Op. cit.*

¹⁸ *Ibidem*, pp. 15-17.

extrapolaram, muitas vezes, as questões raciais e os condicionantes sociais que estavam colocados no futebol.”¹⁹

Esse parece ser o caso do time de Campinas. A Ponte Preta, nome dado pela identificação do time com o bairro Ponte Preta, onde muitos descendentes de imigrantes de várias nacionalidades e brasileiros conviviam, é de origem popular, e tem, na sua fundação, um forte vínculo com a ferrovia que cortava o bairro ligando Campinas a Jundiaí. Muitos dos sócios da Ponte Preta eram trabalhadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e foi por esse vínculo, somado à identidade dos moradores com o time e com o bairro²⁰, que negros como Miguel do Carmo, fundador/jogador e Amparense²¹, jogador – que trabalhavam na companhia – tiveram a abertura que os possibilitou jogar o futebol desde seus primórdios em Campinas.

Depois de esclarecer um pouco a respeito do início da prática do futebol no Brasil, será exposto, no capítulo seguinte, um pouco do que a literatura tratou sobre os negros no futebol no período estudado.

¹⁹ RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2001.

²⁰ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão*. *Op. cit.*, p. 39.

²¹ Jogador que se destacou como um grande goleiro da Ponte Preta – posição que representava grande respeito no futebol – pude observar sua permanência no time durante a segunda década através de fotos.

3) Escrevendo sobre o futebol

3.1 Revisão da literatura sobre a questão dos negros no futebol no Brasil

Um dos grandes problemas que se encontra ao estudar o negro no futebol no Brasil é a falta de fatos e informações registradas. A escassez de dados e de análises acaba resultando em um círculo vicioso. Muitos textos sobre futebol, quando tratam, seja superficialmente ou mais a fundo, da história desse esporte, dedicam um pequeno espaço à questão do negro no futebol. A maioria desses textos recorre às mesmas informações: alguns fatos que marcaram momentos do negro no futebol, ou então tratam do tema apenas comentando sobre a presença do racismo e das restrições a certos grupos no início da prática do esporte.

O livro *O Negro no Futebol Brasileiro*²² do cronista esportivo Mário Filho, foi o único livro encontrado que tem como tema central a questão do negro no futebol. Essa obra serviu e ainda serve como importante fonte de inúmeros trabalhos devido à abundância de informações nela contidas. O jornalista Mário Filho escreveu esse livro alimentado por uma vasta quantidade de documentos, jornais, arquivos pessoais, arquivos de clubes, atas de entidades, livros de ligas e entrevistas com muitos dos protagonistas do futebol no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro. Seu livro conta a trajetória de clubes como o Fluminense, o Flamengo, o Vasco da Gama e o Bangu; conta como o futebol chegou até eles, quem eram seus personagens, quais foram os conflitos estabelecidos. Dentro desse cenário, o autor narra a participação de vários negros e os embates que seguem em decorrência disso no cenário futebolístico. Mário Filho, ao longo de seu texto, vai indicando o futebol como um campo importante de disputa de espaço para a população negra contra o preconceito e racismo presentes na sociedade. E seria dessa forma que os negros, ao jogarem futebol, encantariam os brancos e estariam, assim, contribuindo para o alcance de uma democracia racial.

Alguns estudiosos fizeram análises sobre a obra de Mário Filho. Um deles, Antonio Jorge Soares²³, levanta várias questões chamando a atenção para a forma como *O*

²² RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1964.

²³ SOARES, Antonio Jorge. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. São Paulo: Revista paulista de Educação Física, jan/jun 1999, pp. 119-129.

Negro no Futebol Brasileiro tem sido encarado. Para Soares o livro é fruto da “interpretação de Mário Filho, eivada de ‘bias’, onde fatos e ficção se interpenetram”²⁴ resultando em um romance, e é sob essa perspectiva que deveria ser encarado pelos que o utilizam como fonte. Em resposta a essas novas interpretações da obra de Mário Filho, outros textos surgiram contra-argumentando algumas dessas idéias. Carlos Leonardo Bahiense da Silva²⁵ considera o livro “um ensaio jornalístico, não uma obra ficcional, nem um texto historiográfico que implica um conjunto de regras acadêmicas. Como ensaio jornalístico, o trabalho contém uma interpretação, um posicionamento intelectual que, evidentemente permite acesso à história”²⁶. Silva admite que a paixão de Mário Filho pela literatura influencia a narrativa do *Negro no Futebol Brasileiro*, sobretudo Gilberto Freyre, mas não concorda que a obra seja encarada como um romance.

Soares, por sua vez, ao partir de uma análise supostamente mais crítica do livro, tece uma outra interpretação a respeito da criação do mito heróico do clube Vasco da Gama que, de acordo com Mário Filho, quebrou barreiras raciais e sociais com seu elenco de populares dentro de um meio futebolístico elitista. O que interessa especificamente a esta revisão bibliográfica, é o fato de Antonio Soares oferecer uma possibilidade diferente de ver a participação dos negros no futebol: para ele, o esporte não foi um espaço de democratização racial, ao passo em que não foi sequer um espaço privilegiado de embate racial. O que marcaria a participação dos negros é o cenário de embate entre a elite e as classes mais baixas, sendo que a primeira, ao exaltar os ideais de amadores, buscava a separação e seleção dos participantes no futebol. Essa interpretação de Antonio Soares é complexa, sobretudo porque parte do caso específico do Clube de Regatas Vasco da Gama – que ganhou o campeonato carioca em 1923 com um time cujo plantel continha jogadores negros. Isso tem significado, para muitos estudiosos, um pioneirismo que teria marcado uma vitória contra o preconceito racial dentro do futebol. De qualquer forma, essa discussão será apresentada mais à frente, no item sobre amadorismo e profissionalismo.

Além de Mário Filho, outros autores trataram, de alguma forma, da questão do negro no futebol, mesmo não sendo esse o principal enfoque de seus trabalhos.

²⁴ Ibidem, p. 120.

²⁵ SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. “Sobre *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho” In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pereira (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006, pp. 287-312.

²⁶ Ibidem, p. 295.

Anatol Rosenfeld²⁷, no capítulo “O Futebol no Brasil” de seu livro *Negro, Macumba e Futebol*, fez uma pequena viagem pela história do futebol tecendo algumas análises, dentre elas algumas sobre a população negra. Para o autor, já na prática de um futebol profissional, “Muitos homens de cor, antemão desencorajados pela dificuldade de ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar.”²⁸ Lembrando que há pouco tempo havia sido abolido o regime de escravidão, ele pontua: “Dar pontapés na bola era um ato de emancipação.”²⁹ Essa idéia de que no futebol os negros encontraram um espaço de igualdade de condições (dentro de campo) com homens brancos da elite, e, muitas vezes, até chegaram a superá-los, é recorrente em outros livros de diversos autores.

A respeito dessa possibilidade de participação igualitária, Rosenfeld faz uma reflexão muito importante, e que vai à contramão do ideal narrado por Mário Filho:

O futebol abriu um canal importante de ascensão para o homem de cor. Mas precisa ser frisado que se trata, em primeiro lugar, de possibilidades puramente econômicas, que em geral só produzem efeitos sociais nos descendentes. Seria um erro pensar que o jogador como tal, em consequência do seu prestígio como craque, encontra, na mesma medida, reconhecimento social.³⁰

Como já foi mencionado, em *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Filho traça sua narrativa descrevendo a participação de jogadores negros como os do time do Vasco da Gama de 1923, Friedenreich, Domingos da Guia e Leônidas. Esses jogadores, segundo a visão do autor, se consagraram pelas suas habilidades e títulos conquistados no futebol; quebraram as barreiras do preconceito, eliminando as tensões raciais.

Os livros de Santos Neto³¹ foram muito importantes para pensar as questões deste trabalho, pois estão entre as poucas obras que trazem algumas informações sobre o negro no futebol na cidade de Campinas (ainda assim, em pouca quantidade). Os textos trazem informações valiosas para entender algumas questões específicas do futebol na cidade. Em relação aos negros, um dos poucos dados apresentados é o do jogador Miguel do

²⁷ ROSENFELD, Anatol. “O Futebol no Brasil”. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

²⁸ Ibidem, p. 85.

²⁹ Ibidem, p. 85.

³⁰ ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva 1993, p. 104.

³¹ SANTOS NETO, José Moraes. *Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. e SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.

Carmo, que figura no time da Ponte Preta em 1900 (dada a importância da constituição desse time, caberá uma análise em um item à parte).

Nesses textos, o autor traz um novo debate em relação à pesquisa histórica sobre o futebol. Segundo ele, muito do que se tem de história do futebol no Brasil hoje é fruto de trabalhos de jornalistas, que tiveram como sua fonte principal os jornais da época.

Este fato é importante, pois vai influenciar o estudo do futebol, os jornais de grande alcance privilegiam notícias de seus pares, o que acaba parecendo que o futebol era exclusividade de uma pequena elite, mas os arquivos, as coleções de documentos, os periódicos operários, arquivos de colégios são valiosas fontes para trazermos à tona o que foi realmente o impacto do futebol entre todas as camadas sociais. Isto serve para o futebol campineiro, paulistano, estadual e nacional...³²

A tese que Santos Neto apresenta é que havia a prática do futebol mesmo antes da prática do esporte pela elite no Brasil. Para isso ele apresenta a incorporação da prática do futebol no currículo do Colégio São Luis da cidade de Itu, antes da data de consenso para a chegada do futebol ao Brasil, data que marca a chegada de Charles Miller da Inglaterra, em 1894. Sobre esse personagem histórico, Santos Neto³³ aponta motivos para que a versão de Charles Miller como pai do futebol no Brasil tenha vingado. Miller era um brasileiro que teve grande parte de seus estudos na Inglaterra, onde conheceu o futebol, liderou o movimento da prática do esporte no clube da elite paulistana SPAC (São Paulo *Athletic Club*), e fomentou a criação de times em empresas internacionais. Para Santos Neto, tais elementos relacionando Charles Miller e o futebol ao mundo da alta sociedade têm mais força para legitimá-lo como mito frente a garotos que praticavam o futebol em colégios.

No livro *Início de Uma Paixão*, Santos Neto ainda apresenta um pouco da história do futebol em Campinas, alguns de seus times e um pouco dos campeonatos que foram organizados. Enfim, vestígios que ajudam a mapear o cenário futebolístico da época.

Um outro autor que pensou a questão do negro no futebol é Damo³⁴, em seu livro *Futebol e Identidade Social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Nesse livro, o autor, após dissertar sobre a chegada do futebol no Brasil, entra em discussões referentes ao futebol gaúcho, mais precisamente questões de identidade entre torcedores e jogadores com os clubes de futebol: Grêmio e Internacional. Um de seus

³² SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000, p 24.

³³ SANTOS NETO, José Moraes. *Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

³⁴ DAMO. *Op. cit.*

capítulos “Raça e Classe Social na Rivalidade GRE-NAL” traz informações e análises valiosas para o estudo do negro no futebol. Damo coloca em xeque a idéia de que a inserção do negro na sociedade porto-alegrense não foi tão conturbada quanto em outras regiões do Brasil. Ele o faz baseado na existência da Liga dos Canelas Pretas (nome popular), uma liga que agregava vários times com jogadores negros e mulatos que se estabeleceu no futebol gaúcho entre as décadas de 1910 e de 1920. Para o autor, “Qualquer tentativa de obter informações mais detalhadas esbarra no esquecimento ao qual os canelas pretas parecem estar condenados”³⁵ e complementa “As poucas informações que obtive sobre os canelas pretas não correspondem ao esforço que empreendi nesta busca.”³⁶ As conclusões de Damo apenas corroboram as de outros autores que estudaram o negro no futebol em outras localidades. Existem vários indícios, histórias mantidas pelo povo, que mostram a participação do negro no futebol. Entretanto, a documentação e apontamentos mais precisos são poucos. Damo tece uma hipótese sobre isso:

Se os esforços empreendidos e os escassos resultados obtidos podem ser interpretados, para além de uma busca fracassada, permito-me afirmar que os canelas pretas fazem parte de um passado que a cidade, o futebol e os próprios negros – me refiro especialmente aos que foram meus informantes – preferem esquecer. Há boas razões para tal, especialmente por parte destes últimos.³⁷

Uma outra abordagem de Damo é perceber em que medida algumas identidades dos torcedores com os clubes – no caso Grêmio representando a elite e Internacional representando o povo (pobres, negros) – são forjadas por esses próprios torcedores. Sem dúvida há uma distância entre a história do Grêmio e a do Inter. O primeiro precisou de meio século para incluir um jogador negro em seu time, o que fez apenas em 1952. Já o Inter, embora tenha sido mais aberto e desde muito antes ter formado times com personagens populares, ainda está a uma distância de ser considerado um time do povo, pois do contrário não haveria a necessidade de criar uma Liga dos Canelas Pretas. É por meio desses entre outros fatos apresentados no livro que o autor pensa as identidades formadas entre símbolos dos clubes e o imaginário dos torcedores.

O livro *História Política do Futebol Brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos³⁸, traz algumas discussões sobre como o futebol e seus personagens, que têm por trás um

³⁵ Ibidem, p. 91.

³⁶ Ibidem, p. 91.

³⁷ Ibidem, p. 92.

³⁸ SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

cenário político que os envolve, lidam com os conflitos em campo. O autor conta a história do futebol desde seu início no Brasil sob uma ótica parecida com a de Lima Barreto, sobre quem faz uma pequena análise no livro citado: “Por que Lima Barreto era contra o futebol? Primeiro, porque compreendeu logo que as oligarquias iam usar a bola como o ‘ópio do povo’. Segundo, porque o novo esporte era filho do imperialismo”³⁹. Pode-se perceber essa semelhança de pontos de vista quando Rufino aponta a utilização do futebol, com apoio do governo, para acalmar as revoltas no Rio de Janeiro no início do século XX⁴⁰, e em São Paulo para diluir os movimentos operários servindo como fonte de distração; e também quando ele apresenta as tensões criadas pela maneira de o jogador brasileiro, especialmente o negro, jogar futebol (através de gingas e dribles, uma maneira mais improvisada de jogar), e as estruturas importadas da Europa de jogadas ensinadas pelos folhetos ingleses.⁴¹

No livro de Rufino há uma seqüência cronológica da história do futebol, e essa seqüência é acompanhada pelo aparecimento de grandes craques como Friedenreich, conhecido como El Tigre, Fausto, a Maravilha Negra, depois Leônidas, o Diamante Negro, e por fim Zizinho. Todos negros, excetuando Friedenreich que era mulato, encantaram o Brasil e o mundo com seu futebol e, também por conta disso, criaram conflitos entre torcedores e os dirigentes dos clubes.

Uma outra obra importante a respeito do futebol é *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*⁴², do historiador Leonardo Pereira. O autor estuda de que modo o futebol foi interpretado pelos vários grupos que o praticavam e como foi apropriado em cada grupo com sentidos diferentes. Em um primeiro momento analisa o futebol praticado pela elite que, tendo a figura do *sportsman* como ícone, comportaria a idéia de distinção social e de educação física e moral das massas, além de representar um símbolo de modernidade e civilização. Em seguida, com a maior diversificação de jogadores e de times representando subúrbios e operários, o futebol assume papel de aglutinador e promovedor de um mecanismo de redes de solidariedade, de educação física e moral, profissional e racial, um meio de ascensão social⁴³. Assim Pereira escreve sobre o futebol:

³⁹ Ibidem, p. 28.

⁴⁰ Ibidem, p. 25.

⁴¹ Ibidem, p. 18.

⁴² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁴³ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.23.

Constituindo-se em um eficaz meio de comunicação entre esses grupos, ele mostrava-se capaz de articular diferenças e identidades, assumindo papel central na vida carioca das primeiras décadas do século – o que permitiria que, nos anos seguintes, autores como Mário Filho tentassem fazer da capital da República uma vitrine para a tentativa de construção, através do jogo, de uma imagem harmônica e coesa do país.⁴⁴

Assim, para o autor, ao longo da terceira década do século XX, intelectuais de influência, como Mário Filho citado acima, e sobretudo Gilberto Freyre, encontraram na valorização de jogadores negros uma forma de promover o sentimento nacionalista, divulgando a idéia de uma nação harmônica, coesa e integrada.

Por fim, Luiz Carlos Rigo⁴⁵, em sua tese de doutorado intitulada *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, faz um estudo da história do futebol em Pelotas, RS, e escreve um capítulo sobre o negro no futebol dessa cidade. O nome do capítulo é “Negrinhos da Estação x Fidalgos da Avenida”, cujo nome é referente ao *slogan* da rivalidade entre os times G.S. Brasil e E.C. Pelotas, o primeiro representando os populares – dentro desses, negros e mulatos – e o segundo representado exclusivamente a elite da cidade. E é dessa forma que o futebol, como em outras localidades, se desenvolve em Pelotas: clubes da elite no centro das atenções da vida social; e por fora, desenvolvendo estratégias para extrapolar a vigilância dos que eram contra, surgem os times formados por negros, mestiços e pobres.

Rigo apresenta como resultado de uma contraposição ao futebol exclusivo ao branco da elite a criação de uma nova liga em Pelotas, a “Liga José do Patrocínio” que logo ficou conhecida como a Liga dos Negros, tendo como equipes: América do Sul, Juvenil e Torcedor.⁴⁶ Segundo o autor, informações para análise desse movimento são bem dispersas. O pouco que se sabe é que a liga manteve campeonatos por um período significativo e aponta como motivo para seu fim a saída de jogadores para figurar em times maiores, na medida que o profissionalismo e a competitividade apareciam, e assim, abriam-se as portas para bons jogadores, independente da cor. Arlei Damo apresenta um motivo semelhante como possibilidade de explicação para o fim da Liga dos Canelas Pretas, em Porto Alegre:

A ascensão dos times identificados como da comunidade negra e de outros tantos, cuja base era formada por jogadores das classes baixas, adquiriu tamanha notoriedade nos anos 20 que a Liga Metropolitana achou-se por bem criar uma espécie de segunda divisão. Abria-se, desta forma, uma possibilidade de acesso para clubes e jogadores anteriormente

⁴⁴ PEREIRA. *Op. cit.*.p.16

⁴⁵ RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2001.

⁴⁶ *Ibidem*, pp.131-132

discriminados sem perder de vista as vantagens que tal proximidade representava, especialmente para o Grêmio e o Internacional. Em outras palavras, os clubes menores serviam como celeiros de atletas que, tão logo se destacassem, eram levados por olheiros para jogar nos clubes de maior prestígio. Assim, a abertura da Liga Metropolitana representou o progressivo esfacelamento dos canelas pretas...⁴⁷

Ademais, é importante lembrar que somente o livro de Mário Filho foca exclusivamente a relação entre os negros e o futebol. As outras obras se debruçam sobre o esporte, e acabam mencionando a questão dos negros – com maior ou menor profundidade – como um dos aspectos do desenvolvimento do futebol no Brasil.

3.2) Cobertura jornalística: imprensa, futebol e população negra na cidade de Campinas entre 1900 e 1930

Ao pensar em estudar os periódicos da cidade de Campinas no início do século XX, teve-se a mesma intenção de Mário Filho⁴⁸, que, ao estudar a cidade do Rio de Janeiro esperava, como grande centro, que ela refletisse muitas das histórias ocorridas nos demais centros do país. O que deveras foi comprovado neste estudo. Quando comparados a outras localidades, muitos dos passos seguidos pelo futebol se assemelham, como, por exemplo, o seu início fortemente marcado pela presença da elite e o processo de profissionalização. Em contra partida, algumas características regionais possibilitaram diferenças no futebol ali praticado, o que também pôde ser percebido neste estudo.

Os jornais campineiros do início do século XX, 1900 à 1930, constituíram o grupo de fontes primárias para esta pesquisa. Dois foram os arquivos utilizados: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), situado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o arquivo da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), localizado na sede do jornal Correio Popular em Campinas. Segue abaixo uma tabela com todos os jornais analisados e seus respectivos anos.

⁴⁷ DAMO. *Op. cit.*, p. 92.

⁴⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1964.

ARQUIVO:	PERIÓDICO:	ANO:	NÚMERO DE EXEMPLARES
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Diário de Campinas – folha popular</i>	1900	98
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Camélia, a Orgam Literário</i>	1900	01
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Campinéia, A Folha Literária e Humorística</i>	1900	01
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Gazeta Gymnasial</i>	1904	05
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>O Baluarte</i>	1904	03
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>O Correio de Campinas</i>	1908	140
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Cidade de Campinas</i>	1901-1910	2360
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>O Mensageiro</i>	1909-1912	147
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>Getulino</i>	1923-1926	125
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP	<i>A Voz Operária</i>	1907	02
Arquivo da Rede Anhanguera de Comunicação	<i>Diário do Povo</i>	1912, 1923	132

Antes de comentar sobre o que foi encontrado nos jornais de Campinas, faz-se necessário uma pequena retrospectiva da história da imprensa nessa cidade.

A imprensa se inicia no Brasil com a chegada da família real no Rio de Janeiro, a então capital, em 1808. Inexistente no Brasil, a imprensa foi importada pela família real e pela corte, que já tinham contato com a prática na Europa. *Correio Braziliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro* foram os primeiros jornais. Em São Paulo, em 1823, surge *O Paulista* (um manuscrito) e, em 1827, o *Farol Paulistano* (o primeiro impresso). Campinas teve seu primeiro jornal, *Aurora Campineira*, em 1858.⁴⁹

De modo geral, a imprensa em Campinas se caracterizou por um abre e fecha de jornais, os quais tinham dificuldades de se manter (característica recorrente da imprensa em geral do Brasil). Os primeiros jornais de Campinas nasceram do cenário político, em geral defendendo posições republicanas ou monarquistas. Em 1870, as idéias

⁴⁹ ALMEIDA, Gastão Thomaz. *Imprensa do Interior: um estudo preliminar*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983, pp. 46-47

republicanas e da modernidade fomentavam a criação de novos jornais sobre uma nova lógica de imprensa. Os jornais nesse momento passaram a se transformar em empresas burguesas.⁵⁰ Sobre isso, Botelho⁵¹ escreve que:

Havia no Rio de Janeiro uma infinidade de pequenos jornais. De maneira geral, todos tinham uma estrutura simples, contendo em seu interior uma administração de caráter puramente familiar, o que, de certa forma, definia claramente suas intenções políticas.

A partir de 1870, estes jornais de pequeno e médio porte vão ceder lugar a um novo conceito de imprensa. Com a nova maneira de se fazer jornal, em moldes industriais, as relações familiares e de amizade foram perdendo espaço e sendo substituídas por um jornalismo afinado com as relações capitalistas e com os grupos formadores da elite carioca.⁵²

Vê-se, assim, o surgimento de uma imprensa moderna, de elite, alinhada a divulgar os valores da classe burguesa⁵³. Dessa forma, futebol e imprensa se desenvolveram como frutos do mundo burguês. E mais, de acordo com Zago⁵⁴, a imprensa, em um primeiro momento, contribuiu para a divulgação dessa nova prática cultural da elite, o futebol, que, por sua vez, retribuiu se tornando um dos grandes temas procurados pelos leitores que consumiam os jornais. Botelho, ao analisar a imprensa e o futebol no Rio de Janeiro – local marcado pela existência de famosos cronistas esportivos –, faz a seguinte relação: “Assim o futebol passa a ser considerado um elemento que vai ajudar a ampliar as vendas de determinado periódico, à medida que este aumenta o espaço de atuação dos cronistas esportivos.”⁵⁵

Ainda em relação às crônicas esportivas no Rio de Janeiro, Botelho faz uma interessante discussão sobre dois grandes cronistas que utilizaram o futebol durante as primeiras décadas do século XX para a difusão de seus ideais de modernidade. Um deles, Coelho Neto, imerso no universo da elite e bem relacionado com pessoas influentes da sociedade carioca, defende o futebol apregoando em seus textos idéias de que “através do

⁵⁰ ZAGO, Vítório Luis de Oliveira. *O Futebol em Campinas: A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, 2002. pp. 176-177.

⁵¹ BOTELHO, André Ricardo Maciel. “Da Geral à Tribuna, da Redação ao Espetáculo: A Imprensa Esportiva e a Popularização do Futebol (1900-1920)” In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pereira (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006, pp. 313-335.

⁵² Ibidem, p. 322.

⁵³ Não apenas esse modelo de imprensa figurava a época, existiam periódicos representando parcelas mais populares da população - como os jornais operários e os jornais dos negros, mesmo assim, esse modelo era o que representava a grande imprensa.

⁵⁴ ZAGO. *Op. cit.*, p. 190.

⁵⁵ BOTELHO. *Op. cit.*, p. 330.

potencial transformador do jogo, seria estabelecida uma nova sociedade, disciplinada e harmoniosa, bem como uma nação sadia e forte”⁵⁶. O outro cronista, opositor das idéias de Coelho Neto, é Lima Barreto, mulato e pobre, que se preocupava com as distinções sociais e raciais presentes no esporte. Argumentava contra o futebol expondo idéias como “o jogo deformava o corpo, era violento e fomentava uma estúpida rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo”⁵⁷

A divergência entre esses dois cronistas enriquece a análise à medida que percebemos como a modernidade, assim como o futebol, era interpretada e significada a partir de personagens com olhares distintos. Botelho encerra:

De lados opostos, Lima Barreto e Coelho Neto assistiam entorpecidos à ampla popularização do futebol e sua apropriação incessante pelos diversos substratos da sociedade carioca. No entanto, o futebol sob a ótica dos literatos era um elemento de disseminação dos diferentes projetos de modernidade e controle dos praticantes, como se a prática estivesse alheia a eles. Combatendo ou defendendo a prática do jogo, estes literários viam no futebol um local para a divulgação de seus discursos, sendo incapazes de conferir a tais praticantes a possibilidade de uma escolha independente.⁵⁸

No caso da imprensa da cidade de Campinas, pôde-se perceber no corpo das notícias – de variados temas – uma forte presença de um discurso referente à modernidade da cidade junto à exaltação da elite campineira.

Os periódicos lidos, em comparação com os publicados atualmente, dedicam pequeno espaço ao esporte, mas deve ser levado em conta que possuíam em torno de 6 páginas apenas. Ainda sobre a seção de esportes, em geral, há uma diversidade grande de atividades citadas, como pelota, lutas, tauromancia, rinha de galos, turfe e *jockey*. Entretanto, os mais noticiados foram o turfe e o *jockey*, tendo grande regularidade no jornal *Cidade de Campinas*. Quando se iniciam as notícias sobre futebol nos jornais analisados (a primeira encontrada foi em 1902, no *Cidade de Campinas*), acontece uma divisão entre o espaço destinado ao futebol e ao turfe e ao *jockey*. Normalmente, no dia em que o jornal noticiava um, não noticiava os outros.

⁵⁶ Ibidem, p. 332.

⁵⁷ Ibidem, p. 333.

⁵⁸ Ibidem, p. 334.

Lucena⁵⁹, em seu texto *O esporte e a cidade no Brasil do início do século XX*, discute a inserção do esporte no meio urbano, seu local por excelência, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Ele ressalta a importância que os esportes tiveram em ocupar espaços até então pouco considerados de interação social, referindo-se as três modalidades de seu estudo: o turfe, o remo e o futebol. Primeiro o turfe, pelo qual a elite passou a redescobrir a Europa, e em que o divertimento está localizado na arquibancada. No remo, a prática do esporte estava diretamente relacionada ao *sportsman*, passado da posição de espectador para a de ator. E no caso do futebol, as relações se tornam mais intensas dada a interação muito maior propiciada pelo jogo. A característica de importar costumes e comportamentos se torna ainda mais presente. “Ora, essa relação de diferentes, antes de diminuir, vem reforçar o ‘esforço’ de nossas elites para ‘civilizar’ um povo ainda muito preso a certas tradições e se adequar aos padrões das nações européias, em especial a Inglaterra.”⁶⁰ Lucena levanta muito bem esse sentido carregado pela elite praticante ou espectadora do esporte e que era reforçado pela imprensa.

Na primeira década, as notícias sobre futebol tinham um caráter sazonal. Segundo Santos Neto⁶¹, isso se dava porque muitos dos jovens jogadores, representantes dos times da elite de Campinas, mudavam-se para outras localidades para completar o ensino superior. Aliando-se a isso o fato de que o futebol de elite não se misturava ao futebol dos times de bairros populares, Campinas acabava por não ter uma grande sequência de jogos representando a elite.

São dois os principais times que conformaram o futebol de elite em Campinas, dos quais foram encontradas muitas notícias nos jornais: O Ginásio *Athletic Club* e *Sport Club* Campineiro. As notícias tinham um caráter informativo de partidas, descrevendo as que haviam ocorrido e divulgando as que iriam ainda ocorrer. As matérias trazem poucas informações não técnicas referentes às equipes e aos jogadores. Destes apenas são citados os nomes, e não há nenhuma referência à cor de pele. Isso dificulta uma análise mais direta sobre as relações estabelecidas entre os negros e o futebol. A partir das leituras das notícias, tem-se a impressão de que existe um modelo de reportagem para o futebol, não abordando comentários mais amplos a respeito do tema.

⁵⁹ LUCENA, Ricardo de F. “O esporte e a cidade no Brasil do início do século XX” in: LUCENA, Ricardo de F. e SOUZA, Edílson Fernandes. *Educação Física: esporte e sociedade*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

⁶⁰ Ibidem, pp. 29-40.

⁶¹ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.

Nas duas décadas seguintes, o futebol, já com maior e mais diversificado número de adeptos, possui uma maior estrutura. Os jornais apresentam a cobertura de jogos de outros times até então não mencionados pela mídia, acompanham alguns movimentos de clubes para fundar novas ligas, mas, muitas das notícias ainda se constituem apenas com o resultado dos jogos e a escalação dos times.

Os jornais mais relevantes à pesquisa foram *Cidade de Campinas*, *Getulino* e *Diário do Povo*. Apenas o *Getulino*, um jornal feito por negros e com o intuito de defender a população negra campineira, apresentou notícias que aliassem negros e futebol, mas de forma superficial. Em geral, os três periódicos trazem notícias em separado sobre futebol e negros, que podem ser relacionadas dentro do contexto da pesquisa. Os outros jornais lidos não apresentaram textos a respeito do futebol⁶², mas são úteis na medida em que sua leitura revela um certo panorama da cidade na época, ajudando a montar o cenário em que a pesquisa se desenvolveu. Por esse motivo, tendo em vista que os jornais se constituíram como documento principal desse estudo, é possível trabalhar com os significados do futebol na época e o papel do negro nessa sociedade, por conseguinte do negro no futebol, buscando tecer reflexões que, embora sejam muito especulativas, se baseiem em elementos de fatos observáveis no período.

O negro nos periódicos

Os periódicos *Diário de Campinas*, *Correio de Campinas*, *Cidade de Campinas* e *Diário do Povo* se caracterizavam pela defesa do republicanismo e da abolição da escravidão e da concessão de direitos aos negros, denunciando abusos contra eles. Todavia, o espaço que os negros ocupavam nas páginas desses jornais era marcado predominantemente por notícias que envolviam crime e violência. Os negros eram sempre singularizados nas notícias por vocábulos que definiam a cor da pele, o que não havia em caso de notícias envolvendo brancos. Segundo Maciel,⁶³ os principais jornais da época não diferiam na forma de abordagem em relação ao negro, visto como um “negativo social”.⁶⁴ O *Getulino*, feito por negros, de certa forma, também corroborava essa visão, pois longe de

⁶² No jornal *O mensageiro*, foi encontrada uma única notícia sobre futebol datada de 04 de abril de 1912: “Entre os alunos do catecismo de perseverança da matriz Santa Cruz e da Catedral se constituiu um clube de futebol, que faz seus exercícios no *ground* da rua José Paulino gentilmente cedido”.

⁶³ MACIEL, Cléber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926)*. Campinas: CMU, 1997.

⁶⁴ *Ibidem*, p.70.

quebrar com as concepções da época, pretendia mostrar que havia negros que podiam estar à altura dos brancos, dentro dos padrões e idéias que regiam o mundo da elite.

Nos jornais há inúmeros anúncios procurando empregadas, entretanto, sempre especificando a cor de pele branca como requisito. Também há várias notícias pedindo a ação das autoridades contra “gente de cor” perturbando a ordem pública. Uma notícia importante para exemplificar o tratamento destinado aos negros nos periódicos segue abaixo.

Um velho médico da Philadelphia afirma ter achado o segredo de tornar branca a pelle dos pretos. Baseia-se na propriedade que têm os raios X de destruir a matéria corante da pelle. O médico começou por applicar o systema ás manchas anormaes.

Depois, em vista do resultado, abriu consultório especial, ao qual acorrem ás centenas os negros, ávidos de adquirir a preeminência dada em todos os países civilizados á raça caucasiana. Dizem testemunhas fidedignas que logo na décima sessão a tez dos negros retintos passava a cor pôr de castanha. Prolongando o tratamento, chegava-se ao moreno. Em alguns indivíduos, diz-se que o médico chegou a obter a cor mate do creoulo. Multiplicando as experiências até limites razoáveis, chegou a descorar completamente a pelle em certos pontos e a obter uma tez definida pelas testemunhas como um “branco doentio”.

Este médico vem, pois, substituir um methodo scientifico aos pretendidos remédios dos charlatães que pelas Antilhas exploram a credulidade dos pretos, ambiciosos de se igualarem physicamente aos seus antigos senhores.

(*Correio de Campinas*, 24 de junho de 1908)

Embora essa notícia não relacione negro à violência, o que era uma constante nos jornais, ela é importante na medida em que ilustra como a sociedade esperava que a ciência resolvesse o problema da cor do negro.

4) Negro, futebol e sociedade

4.1) Sociedade racialista e teorias raciais

Campinas, em 1870, já tinha os primeiros sinais de seu processo de urbanização, serviços como ferrovias, telégrafo, clubes, teatros, escolas, iluminação a gás, jornal.⁶⁵ Em 1873, a cidade contava com 13.500 escravos (o maior número da região, quatro vezes o número de São Paulo). No final dessa década, de aproximadamente 35 mil habitantes, 20 mil eram negros e mulatos.⁶⁶

Essa contradição da cidade, de se encontrar ao mesmo tempo em um processo intenso de urbanização e conviver com uma população negra, em situação de miséria dado seu histórico de trabalho escravo, fez de Campinas um laboratório de inúmeras políticas tanto para embranquecer seus habitantes quanto para torná-la uma vitrine da modernidade. Tendo os jornais, mesmo que muitos deles republicanos – portanto, em defesa da igualdade constitucional – como importantes difusores de teorias, que iriam discutir a questão racial sob o olhar científico.

Em seu livro *O Espetáculo das Raças*, em que estuda o período entre 1870 e 1930, Scwharcz⁶⁷ afirma que, nesse momento, era grande o número de teorias raciais veiculadas no Brasil e consumidas pelas elites intelectuais do país. O debate da raça era visto como essencial para o futuro da nação e figurava nos jornais. Em Campinas, o jornal *Getulino* regularmente apresentava matérias que colocavam em discussão a raça e a sociedade. Um exemplo encontrado no jornal: “Claro pois fica, que, problema nacional quanto o do café, é o da fusão das raças em nosso país.”⁶⁸

Essas teorias raciais que se difundiam no Brasil ecoavam na sociedade campineira, que enfrentava um período agitado: com a asseguuração legal da liberdade dos negros, em 1888, era volumosa a quantidade de ex-escravos que viviam e morriam na cidade, em condições precárias e com escassas possibilidades de integração na sociedade.

⁶⁵ Ibidem, p. 41.

⁶⁶ ZAGO. *Op. cit.*, p. 48

⁶⁷ SCHWARCZ, Lília. *Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶⁸ Jornal *Getulino*, 07 de outubro de 1923.

Uma dessas teorias, apresentada por Maciel⁶⁹ em seu livro, é de que a “raça” negra iria desaparecer, pois era mais fraca. Havia edições do recenseamento que mostravam um coeficiente da população negra que diminuía acentuadamente. Maciel mostra que o negro estava desaparecendo sim, mas porque estava saindo de Campinas, em busca de condições melhores, e muitos estavam morrendo devido às condições precárias de vida que enfrentavam.⁷⁰

Verificou-se ainda no mesmo artigo do jornal *Getulino*, uma importância dada ao tema da fusão das raças e como se constituiria em um aspecto positivo e fundamental para o fortalecimento da nação: “O povo só se faz “nação unida” quando dispõem de princípios homogêneos, civis, políticos, ou religiosos, mas a nação só se faz “forte” só se funde em irmandade de sangue, sentindo-se “uma” em todo e em cada indivíduo.”⁷¹

Miranda⁷², ao estudar o mesmo jornal, escreve:

Ao discutir o papel social do negro e, também, elaborar um código de conduta a partir do qual a ascensão deste na sociedade seria possível, os artigos do jornal colocam o conceito de “raça” e “branqueamento” no centro do seu discurso. Nestes debates, será elaborada a representação do negro ideal, ou seja, o homem que abandonou determinadas mazelas que o acompanhavam e se regenerou com a adoção de uma nova vida, o negro do futuro.⁷³

Assim como as discussões sobre raça ocorreram no âmbito da sociedade, de forma geral, as teorias raciais também estavam presentes no futebol, campo específico. E a partir de reportagens encontradas, foi possível pensar qual ideal de corpo era projetado pela sociedade no período estudado. A seguinte reportagem, a respeito do futebol, apresenta esses elementos: “Parabéns nossa terra, compreendendo, como compreendeu que é da ginástica esportiva que virá a melhor educação física, como que desta é que depende a reabilitação mental da nossa raça.”⁷⁴

⁶⁹ MACIEL, Cleber da Silva. *Op. cit.*

⁷⁰ Ibidem, p. 57-68.

⁷¹ Jornal *Getulino*, 07 de outubro de 1923.

⁷² MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

⁷³ Ibidem, p. 77.

⁷⁴ Jornal *Cidade de Campinas*, 22 de junho de 1902.

Essa mensagem acompanhava a divulgação do jogo de futebol que iria ocorrer entre alunos do Ginásio e do *Club* Campinas (times que foram os grandes representantes do futebol da elite na primeira década do século XX).⁷⁵

Uma outra reportagem, que foi encontrada no livro de Sérgio Rossi⁷⁶, datada do final da terceira década, mostra que esses pensamentos ainda se faziam presentes dentro do futebol. A reportagem refere-se ao novo terreno para a A.A.P.P. construir seu estádio: “A fim de não só dotar Campinas de um estádio moderno e à altura de sua civilização como auxiliar a Veterana Associação Campineira na grande cruzada do bem, que é a aplicação do aperfeiçoamento da raça.”⁷⁷

Uma das idéias que se pode extrair desses trechos é a da eugenia⁷⁸ presente no futebol. Torna-se interessante pensar que o futebol, como prática de uma elite burguesa, estava atrelado aos valores dessa classe, e que iria explicitar ainda mais o modelo de corpo/conduta que era permitido e desenvolvido nesse espaço.

Carmen Lúcia Soares⁷⁹ em seu livro *Educação Física: Raízes Européias no Brasil*, mostra como a sociedade brasileira incorpora as idéias de saúde, raça, higiene e moral vindas da Europa, e tem na Educação Física sua grande representante interventora na formação do novo homem no Brasil:

A partir de conhecimentos e de teorias gestadas no mundo europeu, os médicos desenharam um outro modelo para a sociedade brasileira e contribuíram para a construção de uma nova ordem econômica, política e social. Nesta nova ordem, na qual os médicos higienistas irão ocupar lugar destacado, também colocava-se a necessidade de construir, para o Brasil, um novo homem, sem o qual a nova sociedade idealizada não se tornaria realidade.⁸⁰

Assim como os métodos ginásticos europeus, o esporte, tendo como seu grande representante no Brasil o futebol, assumiu, como nova prática corporal, o papel de

⁷⁵ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão*. Op. cit, p 23

⁷⁶ ROSSI, Sergio. *A História da Associação Atlética Ponte Preta: Os Primeiros 35 anos 1900-1935*. v. 1. Campinas: Arquivo Histórico da A.A.P.P., 1989.

⁷⁷ Reportagem encontrada no livro *A História da Associação Atlética Ponte Preta: Os Primeiros 35 anos 1900-1935*, de Sérgio Rossi, pertencente ao jornal *Correio Popular*, 14 de agosto de 1930.

⁷⁸ Segundo Carmen Soares, a eugenia “postulava uma identidade do social e do biológico, propondo-se uma intervenção científica na sociedade, explicando o primeiro pelo segundo”. SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*. 3. ed. Campinas, Autores Associados, 2004. p 18

⁷⁹ SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*. 3. ed. Campinas, Autores Associados, 2004.

⁸⁰ Ibidem, p. 70.

refletir o ideal de corpo moderno. Dessa forma o futebol se estabeleceu como um espaço de formação e separação de corpos. Para Pereira⁸¹:

Seus sócios davam com isso substância a uma identidade que, baseada no caráter moderno que a marca inglesa dava ao jogo, ganhava através dos princípios da higiene a sua legitimidade social. Fazendo-se representantes naturais de um país do futuro, mais forte e sadio, os *sportmen* reunidos em torno dos clubes de futebol juntavam a força da ciência com um pretendido refinamento do novo esporte inglês, fazendo do futebol um elemento que lhes conferia papel de grande destaque. Com a propaganda ao culto físico ocasionada por suas atividades, construíam para si mesmos a aura de defensores do vigor físico nacional. De proposta médica para a sociedade, a higiene convertia-se em meio de legitimação da identidade construída por esses rapazes que se juntavam nos clubes de *foot-ball* tentando firmar para si o papel de salvadores da nação, patrocinadores de uma luta que teria como objetivo a regeneração do próprio país.⁸²

“Reabilitação mental de nossa raça” e “aperfeiçoamento da raça”, expressões utilizadas nas duas reportagens de futebol anteriormente citadas, refletem uma busca, um desejo por um novo homem, necessário a essa conformação que a sociedade assumia trazida pelas mudanças da modernidade, tendo o futebol como um importante baluarte nessa transformação.

4.2) Quem era o jogador negro

Futebol de elite

Segue logo abaixo uma notícia de uma partida entre representantes do futebol da elite campineira na primeira década:

Realizou-se ante-ontem, às 2 horas da tarde, em o campo do Ginásio, mais um atraente *match*, entre os primeiros times dos alunos daquele estabelecimento e do *Sport Club* Campineiro.

Serviu de *referee* um distinto *foot-baller* do *Sport Club* Internacional de São Paulo.

Estando presente grande número de gentis senhorinhas ostentando *toilettes* que o rigor da moda, acrescido à elegância do porte de suas possuidoras tornava-as mais brilhantes, e não menor número de distintos cavalheiros (...).

⁸¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁸² *Ibidem*, p. 55.

Ao analisar os jornais, tendo a literatura como base dessa análise, percebe-se que o futebol reportado pela mídia era espaço da elite nesse período, e que os jornais faziam questão de exaltar e distinguir esse espaço. Muitas notícias foram encontradas sobre esses dois times de Campinas, muitas delas referindo-se a eventos beneficentes que ocorriam comumente na cidade e que reuniam a elite campineira. Dessa forma, o futebol se configurava como um mecanismo muito importante de concentração e socialização dessa elite. Foram encontrados vários jogos entre esses dois times, Ginásio e *Sport Club* Campineiro, contra times de outras cidades. Pode-se constatar que era comum o intercâmbio dos personagens futebolísticos. Um exemplo pode ser visto na citação acima do jornal, em que o *referee* (árbitro) era um jogador do *Sport Club* Internacional de São Paulo. Pode-se admitir, então, que o futebol possibilitou uma ampliação da rede de relações entre os membros da elite da cidade de Campinas, e mais além, entre os membros das elites de diversas cidades que manifestavam a prática do esporte.

Uma outra notícia do *Cidade de Campinas*, também da primeira década, divulgava um jogo com a entrada franca. Entretanto, deixava explícito que era reservada à diretoria o direito de vedar a entrada de quem julgasse conveniente.⁸³ Isso mostra como era bem vista a participação do público nas partidas, todavia, esse público deveria se restringir às damas e cavalheiros da sociedade. Logo, é coerente pensar que a participação do negro nesse futebol tenha sido muito difícil, já que o negro integrava as camadas mais populares da sociedade.

Qual negro?

Ao pensar qual negro poderia jogar o futebol, depois de analisar os jornais e das leituras feitas, ficou claro que havia contradições. Como pôde a cidade de Campinas, que era um pólo escravocrata e que “ganhou contornos de lenda, sendo a cidade considerada uma das mais severas quanto ao trato com os escravos”⁸⁴, também ter sido uma das primeiras cidades a formar times de futebol com jogadores negros? Como puderam os negros fazer

⁸³ *Cidade de Campinas*, 25 de agosto de 1904.

⁸⁴ ZAGO, Vitório Luis de Oliveira. *Op. cit.*, p. 48.

parte de um esporte elitista enquanto a cultura afro-descendente era repudiada pela sociedade em geral?

Segundo Zago:

Essa imagem, ruim para os interesses ideológicos burgueses, começa a ser reconstruída na passagem do século para poder comportar novos tempos que surgiram, a chegada da modernidade. A cidade precisava esquecer esse passado para receber o ‘futuro promissor’ que despontava. Ela se preparava para passar de uma ordem senhorial colonial para uma ordem social capitalista e burguesa.⁸⁵

Essa visão abre uma possibilidade interessante, já que o futebol era uma das novas práticas da elite burguesa vindas da Inglaterra. Somando a isso as características que o racismo assumiu no Brasil, de ser presente, consistente, mas dificilmente se utilizando da segregação explícita, uma possível análise é que a cidade de Campinas pôde assimilar alguns jogadores de futebol negros da mesma forma que permitiu a outros negros ocuparem posições de destaque na sociedade campineira: aceitando-os ou dando algumas possibilidades para aqueles que assimilaram a cultura branca e viveram segundo esses valores.

Assim, muitos dos negros que mantiveram as práticas específicas de sua cultura (religiões, danças, lutas), foram perseguidos e repreendidos pela sociedade campineira.⁸⁶ Logo, é evidente a tentativa de suprimir todos os costumes que diferenciavam os negros do modelo de homem moderno. Dessa forma, provavelmente, apenas os negros que se encaixavam nesse modelo tinham possibilidade de acesso ao futebol no período estudado.

No Rio de Janeiro, Rufino nos conta a história das revoltas ocorridas pelas reformas urbanas do então presidente Rodrigues Alves (1902-1906) e do prefeito Pereira Passos, despejando milhares de pessoas – o que eclodiu em uma revolta de vários dias, conhecida como a Revolta da Vacina (isso porque havia também um movimento contra a vacinação obrigatória anti-rábica). Rufino encerra questionando:

Quem venceu essa rebelião de 1904? O futebol. Atribuindo-lhe o comando da rebelião, a polícia matou a capoeira, que reinava absoluta desde o século anterior – o Rio dividia-se em “malts”, com suas cores e insígnias, como mais tarde em times de futebol e escola de samba. (Capoeiristas como o Boca Negra, o Cá-te-Espero, o Trinca Espinhas, o Cabeleira, o Lindinho da Saúde, foram os primeiros ídolos da cidade.)

O que restou para aquela gente? A bola, nos terrenos baldios que a remodelação da cidade oferecia. Diversas “malts” se transformaram em

⁸⁵ Ibidem, p. 50.

⁸⁶ MACIEL, Cléber da Silva. Op. cit.

times de futebol. O governo se deu conta da mudança? Não só se deu conta como passou a estimular. Futebol contra a capoeira.⁸⁷

Sesso⁸⁸ traz várias histórias de negros que faziam o carnaval de protesto em Campinas, negros capoeiristas, os famosos batuques dessa cidade. Porém, tais personagens não apareceram em nenhuma outra referência desta pesquisa inseridos no futebol campineiro, corroborando a idéia de que não era qualquer negro que poderia jogar futebol, pelo menos o futebol que era coberto pela imprensa. Também, nessa direção, foi encontrado um dos filetes de Jolumá Brito⁸⁹ em que se leu (com um pouco de dificuldade de entendimento, pois parece se tratar de um rascunho da notícia a ser publicada) a seguinte passagem:

Em 02 de dezembro de 1907 garotos vagabundos transformando praças e largos da cidade em habitual rendez vous – com exercícios e jogo de futebol – e na troca de palavras do mais baixo calão – era para merecer ... atenção o largo de S. Benedito⁹⁰

Embora não se refira diretamente a negros, a passagem revela um espaço tido como inadequado para a inserção do futebol. Como já foi escrito, nessa época era predominante o futebol de elite em Campinas. A imprensa incentivava seu desenvolvimento, divulgando com entusiasmo cada nova ação em prol do futebol, engrandecendo a participação do público que ia prestigiar os jogos, mas sempre exaltando as características que uniam o esporte à elite. Esse filete do jornalista Jolumá Brito consiste em um dos poucos textos encontrados em que é mencionado o futebol como prática de rua. Se por um lado mostra sua presença para além do âmbito elitista, por outro, ilustra como ela podia ser recriminada.

Buscando relacionar as experiências dos negros com o futebol em outras localidades, há uma passagem interessante de Pereira a respeito de uma fotografia de 1905:

Espremidos e mal acomodados, crianças e jovens negros e mal vestidos mostravam seu interesse pelo futebol. As legendas publicadas junto das fotografias eram claras: tratava-se de um público que, “não querendo ou não podendo marchar com o arame da entrada”, fazia o que podia para assistir aos jogos no estádio do Fluminense.⁹¹

⁸⁷ SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 25-26.

⁸⁸ SESSO, Geraldo. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Palmeira Limitada, 1970.

⁸⁹ Jornalista de Campinas que escreveu no período estudado. Existe um acervo de documentos desse jornalista no Centro de Memória da Unicamp.

⁹⁰ Arquivo Jolumá Brito. Pasta 255. Centro de Memória da Unicamp

⁹¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Percebe-se aqui o interesse das classes populares pelo futebol (dentro delas, os negros) e um certo impedimento desses personagens de adentrarem no espaço dos grandes jogos.

Nas fotos encontradas durante a pesquisa, nenhuma remetia ao futebol além da formalidade da época⁹². Em sua maioria, as fotos apresentavam apenas os jogadores membros dos times em formação específica. Destaca-se que, nessas fotos, muitos dos times apresentaram jogadores negros, porém, sempre em um rigor formal de trajés e postura que o futebol determinava. As fotos explicitam um padrão que deveria ser seguido e que pode ser observado em outras localidades do país entre seus respectivos times de futebol.

4.3) Futebol como fortalecedor de identidades

Existem muitos estudos mostrando a importância do futebol no Brasil para a formação de uma identidade nacional. Mas no início dessa prática no país, o futebol foi muito relevante para a união e fortalecimento de diferentes identidades. Em um primeiro momento, o futebol foi, em seu desenvolvimento inicial, identificado como uma prática por excelência inglesa. Nos primeiros anos de futebol no país, eram comuns times que permitissem apenas a participação de ingleses ou de seus descendentes. Em Campinas, no começo do século XX, tínhamos o caso do London F.C, clube formado por descendentes de ingleses.⁹³ Também várias outras identidades se fortaleceram com o futebol, como muitas colônias de imigrantes localizadas na cidade. Outros exemplos são: A.A. Fascistas e Operários F.C. Encontrados nos jornais, esses times figuraram no futebol campineiro nas primeiras décadas do século XX.

Essa questão de identidade de grupos no futebol parece refletir duas situações. Uma delas se inicia, sobretudo, quando a elite, para não se misturar a times e jogadores populares, cria meios de segregação, como clubes, associações e entidades. A outra situação, configurando-se às vezes como causa e muitas vezes como consequência da primeira, é a existência de uma intensa formação de times em que os jogadores se unem devido a algum elo em comum, como status social, país de origem, profissão e cor de pele. Segundo Mário Filho, era necessário seguir “a tendência natural das coisas, cada jogador procurando seu meio, indo para onde estava sua gente. E quando a sua gente não tinha clube,

⁹² Fotos encontradas nos livros e nos arquivos do Centro de Memória (UNICAMP).

⁹³ ZAGO, Vítório Luis de Oliveira. *O Futebol em Campinas: A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 109

o jeito era fundar um”⁹⁴. Por meio dos periódicos, pôde-se perceber um movimento associativista muito forte presente na sociedade campineira.

Em 1920, dos 115.600 habitantes de Campinas 20,34% eram estrangeiros e 17% eram negros. O futebol teve um papel fundamental em aglutinar pessoas, porém não faz isso por si só, ele se estabeleceu muitas vezes como um braço das instituições e agremiações criadas para a manutenção da cultura dos estrangeiros, como atividades de auxílio-mútuo e atividades sócio culturais.⁹⁵

É nesse espaço que surge o *Sport Club* José do Patrocínio, o único time da cidade de Campinas encontrado que era formado por negros, no período estudado⁹⁶. O S.C. José do Patrocínio, segundo Maciel, foi considerado, entre 1923 e 1925, o melhor time da cidade.⁹⁷ Além dos jornais, apenas Maciel o menciona. Nos periódicos, foram encontradas algumas reportagens sobre esse time, sobretudo no jornal feito por negros, o *Getulino*. Essas notícias dão um pouco da idéia da importância desse time ao representar a identidade dos negros de Campinas. Segue um trecho da reportagem:

O que é preciso é que nossos amigos e os nossos irmãos de cor vão compreendendo que é necessário um esforço de todos para o levantamento dos nossos sentimentos. Não, a vossa vontade é o bastante para que a organização de nossa cor sempre tenha elementos ao seu lado.

Senhorinhas, vós que emprestais a beleza a tudo, ide ao Hipódromo apreciar aos pagãos esportivos principalmente quando se com o S.C. José do Patrocínio, formado por elementos de cor.

Ides senhorinhas, sem distinção, porque até a vossa entrada é franca bastando apenas a vossa beleza para atrair aqueles logradouros administradores seus e dos times em disputa. Ide senhorinhas, dae valor aos seus irmãos de cor que eles vos agradecerão.

(*Getulino*, 21 de outubro de 1923)

Nesse trecho é clara a tentativa de criar uma unidade entre os negros de Campinas desse período utilizando-se do time de futebol S.C. José do Patrocínio. Embora não se diferencie muito das reportagens que procuram exaltar o futebol da elite, convocando também as senhoritas e os cavalheiros dessa classe, é importante perceber como tentavam buscar uma união dos “homens de cor” por meio do futebol. O que indica que parte da

⁹⁴ Citação de Mário Filho em DAMO, Arley. *Op. cit.*, p. 43.

⁹⁵ ZAGO, Vítório Luis de Oliveira. *Op. Cit.*, p. 57.

⁹⁶ Interessante observar como os negros em outras localidades também buscaram se agrupar através da prática do futebol. Em RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2001 consta que havia uma liga de futebol organizada em Pelotas, em 1909, chamada Liga José do Patrocínio. Tal liga tornou-se conhecida na cidade como “liga dos negros”.

⁹⁷ MACIEL, Cléber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926)*. Campinas: CMU, 1997, p 81.

população negra campineira assimilou tanto a prática do futebol quanto os valores da sociedade branca, e passou a utilizá-los como forma de identificação social, muito distante de assumir sua cultura e se valorizar. O futebol, nesse caso, com toda sua riqueza em expor a cultura de seus entusiastas, assumiu uma forte característica de divulgador dos valores da elite branca.

Foram encontradas muitas citações a jogos de futebol entre times de jogadores brancos e times de jogadores negros, porém, sem mais detalhes. Em um jornal de negros da cidade de São Paulo foi encontrado uma pequena reportagem que contém dados interessantes a esse respeito:

Para comemorar o 13 de maio, data gloriosa para a história do povo brasileiro, realiza-se hoje, nesta capital, dois jogos de futebol: Um na LAF, e outro na APEA. No ano passado, a LAF promoveu um jogo idêntico, onde os negros conseguiram derrotá-lo. Para este ano, também temos esperanças. Esperamos.

(Auriverde, 13 de maio de 1928)

Apesar de não especificar quem são os times que irão se enfrentar, essa notícia dá a impressão de se tratar de times formados por selecionados brancos e selecionados negros, tanto pelo trecho “onde os negros conseguiram derrotá-lo”, quanto pela data, que é referente à celebração da libertação dos escravos no país. Há diferentes possibilidades de significação desses embates futebolísticos, mas o que deve ser destacado é que, por trás desses embates, há diferentes visões que refletem diferentes identidades (negros x brancos), representadas por duas instituições (APEA e LAF). A APEA havia sido defensora do futebol amador, mas após alguns anos já continha muitos times que praticavam o amadorismo marrom – jogadores recebendo gratificações não declaradamente, enquanto a LAF se caracterizava como a atual defensora do amadorismo no período da notícia.

5) Futebol em conflito

5.1) Profissionalismo x Amadorismo

A profissionalização do futebol brasileiro oficializou a separação entre times que prezavam a manutenção do futebol como um status e espaço elitista e times populares – locais em que negros possuíam maior representação – que vinham cada vez mais potencializando o nível das competições com seus jogadores, que passavam literalmente a viver do futebol. À medida que o processo de profissionalização se tornou mais aparente, principalmente com os famosos pagamentos de bichos⁹⁸ aos jogadores, passou a existir um tensionamento que pressionava os defensores do futebol amador a tomarem um posicionamento mais conservador, deixando mais clara a observação desses embates. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro recebeu atenção de muitos estudos, que fornecem dados e enriquecem a discussão para pensar o futebol em Campinas.

Dessa forma, o livro do jornalista Mário Filho⁹⁹ é de grande importância para estabelecermos uma relação entre o futebol na cidade de Campinas e no Rio de Janeiro no período de difusão e profissionalização do esporte. Por sua vez, Soares¹⁰⁰ estabelece um contraponto a respeito da discussão entre amadorismo/profissionalismo e discriminação racial, enriquecendo a análise.

O negro no futebol brasileiro, tido como principal livro sobre a história dos negros no futebol, apresenta, em forma de narrativas, várias histórias situadas principalmente no Rio de Janeiro. Essas narrativas contam as primeiras trajetórias de negros no futebol. Partindo do pressuposto que o desenvolvimento do futebol se dá de forma semelhante nos grandes centros urbanos, Mário Filho descreve, destacado por Soares, um “projeto de

⁹⁸ Segundo Rosenfeld “bixos” foi uma forma encontrada pelos clubes para atrair os jogadores pobres e assim melhorar suas equipes de futebol. A denominação “bixos” deu-se porque os jogadores recebiam animais de corte como recompensa pela atuação. Em: REIS, Heloisa Helena Baldy dos, ESCHER, Thiago de Aragão. *Futebol e sociedade*. Brasília: Líber Livros, 2006, p. 39.

⁹⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2^a ed., 1964.

¹⁰⁰ SOARES, Antonio Jorge. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. São Paulo: Revista paulista de Educação Física, jan/jun 1999, pp. 119-29.

nação”¹⁰¹, em que um reconhecimento crescente do negro no futebol – que tem seu ápice na profissionalização – contribuiu para que o país alcançasse a democracia racial.

Uma das histórias de Mário Filho, que enriquece com um exemplo carioca a análise sobre o futebol campineiro, é a do campeonato carioca de 1923 em que o Vasco da Gama, time tido como grande, compôs um inédito elenco com maioria de jogadores negros e mulatos e com esse time levou o título de campeão carioca, acompanhado por grande participação de público.

No ano seguinte foi criada uma nova associação, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA),¹⁰² formada por outros times grandes do Rio de Janeiro: Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu. Os clubes filiados a AMEA além de outros critérios, seriam fiscalizados quanto à procedência de seus jogadores. Somente amadores seriam aceitos, assim como antes, mas agora haveria fiscalização: não seria mais possível formar times com jogadores sem emprego, ou com empregos subalternos. Esse critério de distinção social dificultou ainda mais a pequena participação do negro no futebol.

De acordo com Soares¹⁰³, em suas análises sobre as narrativas presentes no livro de Mário Filho, “Assim, a fundação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) é apontada pelas narrativas como um dos principais indícios ou prova da mentalidade racista/segregacionista que rondou o futebol carioca na década de 20.” Ou seja, Mário Filho trata a criação da AMEA como uma manifestação racista de uma elite branca pretendendo embranquecer o futebol. Soares discorda, alegando a falta de evidências nas afirmações de Mário Filho, e tomando como referência seus estudos e os dados obtidos explica a criação da AMEA a partir de uma defesa da elite não contra a população negra, mas sim para a manutenção de ideal de esporte amador. Ou seja, a defesa de um espaço seu de distinção social, de diversão e de sociabilidade. Todas questões que tinham por trás a luta de classes.

Ao cotejar os textos de Mário Filho e de Soares, e analisar a situação de Campinas, pôde-se observar que uma visão não exclui a outra. Tanto a discriminação racial como a tentativa da elite de preservar seu espaço estão contidas nos ideais da época.

¹⁰¹ HELAL, Ronaldo; GORDON JR., César. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol.” In: HELAL, R.; SOARES, J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

¹⁰² A entidade que representava o futebol carioca desde 1905 era a Liga Metropolitana de Futebol.

¹⁰³ SOARES, Antonio Jorge. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. São Paulo: Revista paulista de Educação Física, jan/jun 1999, pp. 119-29.

Assim como no Rio de Janeiro, em São Paulo parece ter ocorrido um processo similar. Em 1901 é criada a LPF (Liga Paulista de Futebol) separando os cinco times da elite paulistana dos outros times de várzea.¹⁰⁴ Com o passar dos anos, alguns times tidos como populares começam a fazer parte dessa liga. Em consequência, alguns desses times da elite (como Clube Atlético Paulistano, Associação Atlética Mackenzie e Associação Atlética da Palmeiras), novamente com a idéia de elitizar o futebol, criam, no início da segunda década, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), que segundo Rossi,¹⁰⁵ tinha por objetivo a distinção social. Mais tarde, a APEA sofre o mesmo processo que sua antecessora e alguns times populares ao se destacarem no futebol se integram à associação, aparecendo desta vez indícios de profissionalização. Novamente há a iniciativa de segregar o futebol. Em uma cisão, cria-se a LAF (Liga Amadora de Futebol). APEA e LAF coexistem durante pouco tempo. Havia muitas pressões para profissionalizar o futebol; a LAF e seus protagonistas não resistem; o Clube Atlético Paulistano, um dos idealizadores do futebol amador, abandona o futebol, enquanto os outros times da LAF se inserem na APEA. Esta passa a assumir o futebol profissional, que em 1933 é regulamentado.¹⁰⁶

Em Campinas, não foram encontrados relatos de embates a respeito das segregações entre futebol de elite e futebol popular, o que poderia refletir uma estratégia, por parte da mídia escrita, de não noticiar tais embates. Entretanto, pelo que foi pesquisado, tende-se a pensar na possibilidade de Campinas apresentar uma configuração diferente do futebol. Nessa cidade, os times representantes da elite – que eram quase que os únicos a serem retratados pelos jornais da primeira década – não somaram força suficiente para formar um campeonato que, assim como ocorreu em São Paulo, separaria os espaços do futebol da elite e da várzea. Um exemplo disso seria uma tentativa fracassada dos times representantes da elite de Campinas tentarem fazer um campeonato em 1908.¹⁰⁷ Possivelmente era por esse motivo que muitos dos jogos dos times da elite de Campinas eram contra seus pares de outras cidades da região. Não levou muito tempo para que o futebol dos times populares de Campinas se sobrepusesse. Por meio da análise dos periódicos em conjunto com a literatura tem-se a idéia de que a data importante foi 1912, quando ocorreu a Liga Operária de Futebol, o primeiro grande e importante campeonato da cidade, dando uma nova cara ao futebol, que os jornais iriam estampar.

¹⁰⁴ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visões do jogo. Op. cit.*, p. 65.

¹⁰⁵ ROSSI, Sergio. *Op. cit.*

¹⁰⁶ A data de 1933 representa a criação da Liga Carioca de Futebol, considerada um marco para o futebol profissional, todavia não reflete, muitas vezes, esse processo em todas as regiões.

¹⁰⁷ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Início de uma paixão. Op. cit.*, p. 78.

Na tentativa de se fazer relação entre os times de Campinas e o futebol da capital, surgem vários obstáculos, como por exemplo: não encontrar estudos mais profundos sobre o tema e, nas poucas informações encontradas, haver dados conflituosos. Um importante dado para entendermos o futebol em Campinas é que, de 1900 até o ano de 1930 (período estudado), não existiu um campeonato que tivesse continuidade por muitos anos. Ocorreram vários campeonatos, mas com um pequeno número de edições. Esses campeonatos, ao congregarem alguns times para participar, sempre deixavam outros de fora. Os critérios para essa divisão não são claros, o que parece é que os times mais importantes de Campinas se reuniam e montavam sua liga demarcando seu espaço, enquanto times de várzea ficavam de fora e tentavam formar um outro campeonato. É preciso deixar claro que, mesmo desses times mais importantes, muitos eram formados por alguns jogadores negros, o que foi observado em fotos das formações dos times. Isso leva a imaginar que na várzea seria possível encontrar um número ainda maior de jogadores negros. Um exemplo disso seria o time S.C. José do Patrocínio que, junto a outros times não filiados a A.P.E.A., participou da criação de uma nova liga, como segue na reportagem do *Diário do Povo*:

Conforme convite que a diretoria do União Mogiana F. C., dirigiu aos clubes desta cidade, realiza-se hoje, às 14 horas, na sede social desse clube, sito à rua General Osório, 63, uma reunião de todos os clubes não filiados a A.P.E.A. para ficarem assentadas as bases da fundação de uma liga de futebol.

Pela animação que vem reinando no mundo esportivo local, é de supor-se que a reunião de hoje vai ser bastante concorrida, pois ela decidirá se podemos ou não ver fundada nesta cidade uma agremiação tão útil para dirigir os destinos do futebol em Campinas, atualmente em franca decadência.¹⁰⁸

(*Diário do Povo*, 24 de junho de 1923)

O jornal *Getulino* noticiava intensamente esse campeonato, muito provavelmente porque o time *Sport Club* Patrocínio se fazia presente representando os “homens de cor”. Uma dessas notícias, ainda antes da Liga Campineira se iniciar, segue logo abaixo:

“... Este campeonato tem como a dupla finalidade de desenvolver este gênero de esporte em nossa cidade e o de fazer conhecido uma infinidade de rapazes perfeitos jogadores de futebol e que ficavam quase que esquecidos

¹⁰⁸ *Diário do Povo*, 24 de junho de 1923.

por não fazerem parte de clubes não filiados a A.P.E.A. Digno pois de acatamento, por parte do povo campineiro, é o importante campeonato que se vai realizar no Hipódromo Campineiro o qual vai trazer naturalmente o entusiasmo que reinava antigamente em nossa cidade.”

(*Getulino*, 02 de setembro de 1923)

Nesse mesmo ano a A.P.E.A. promovia um campeonato interiorano, em que os times de Campinas Guarani e Ponte Preta participaram. Como descrito na reportagem, os demais times da cidade não filiados à entidade procuraram unir-se e formar um campeonato municipal, o qual recebeu apoio da imprensa (*Diário do Povo* e *Getulino* acompanharam todo o campeonato) e conseguiu reunir muitos times. Como o futebol na cidade se encontrava enfraquecido nos últimos anos, esse campeonato provavelmente significou uma tentativa de revitalizar o cenário futebolístico da cidade.

Rossi aponta em seu livro uma razão para esse enfraquecimento:

O Futebol campineiro iniciava a nova década ‘(1920)’ dando sinais evidentes de acentuada decadência.

Aquele amadorismo, puro, imaculado, sentimental e idealístico, não existia mais! Os jogadores em atividade passaram a constituir no quadro social categoria à parte, isenta de qualquer pagamento, gozando de “certas regalias”. Os clubes locais já não conseguiam segurar mais seus melhores craques, atraídos pelo declarado falso-amadorismo que grassava na capital paulista, em Santos e até outras cidades do interior de São Paulo.¹⁰⁹

Depois pontua:

Dois clubes campineiros, apenas os dois eternos rivais, Ponte Preta e Guarani iriam sobreviver, aderindo definitivamente ao pseudo-amadorismo e adotando, posteriormente, o profissionalismo.¹¹⁰

Nesse período de transição do futebol amador para profissional surge uma interessante questão. A Ponte Preta, time formado por torcedores e jogadores de estratos populares de Campinas, se filiou à Liga Amadora de Futebol – que foi criada após a cisão de alguns times com a A.P.E.A., como já comentado anteriormente. A Ponte Preta então, passou a defender o futebol amador ao lado de um clube tradicionalmente marcado pelo caráter elitista, o C.A. Paulistano.

¹⁰⁹ ROSSI, Sergio. Op. cit., p. 125.

¹¹⁰ Ibidem, p. 126.

Santos Neto aponta uma forte ligação entre a Ponte Preta e o C.A.Paulistano através de Mario Sergio Cardim¹¹¹ - jornalista e entusiasta do futebol, bem relacionado às diversas instituições do esporte na época. Entretanto, essa relação não parece ser o suficiente para que o time tenha se colocado como um fiel defensor do amadorismo. Rossi¹¹², apresenta uma outra explicação para justificar o time da Ponte Preta se filiar a L.A.F. Segundo ele, já havia ocorrido alguns conflitos entre a Ponte Preta e a A.P.E.A. a respeito da não aceitação, por parte da entidade, do campo da Ponte Preta para a realização dos jogos.

Essas duas justificativas, apresentadas por Santos Neto e Rossi, podem identificar possíveis motivações para a Ponte Preta insistir em jogar o futebol amador, em um período que o futebol profissional estava em plena ascensão. Porém, são insuficientes para compreendermos o fato ocorrido, sobretudo, quando encontramos nos livros uma forte identificação da Associação Atlética Ponte Preta, desde seus primeiros passos, com a classe popular, e, do outro lado, encontramos a L.A.F. – sendo criada como uma defesa do amadorismo por times que ficaram marcados pelas suas características elitistas. Questões como essa se tornam difíceis de serem respondidas, à medida que faltam informações a respeito das primeiras décadas de prática do futebol no Brasil, e por conseguinte em Campinas, e também, pela diversidade de conflitos presentes na sociedade e que são de alguma forma catalisados pelo esporte bretão.

¹¹¹ SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão*. Op. cit., pp. 57-63.

¹¹² ROSSI, Sergio. Op. cit., pp. 165-167

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, evidenciou-se a dificuldade para resgatar a história de um grupo marcado por sua origem popular e que se localizava à margem da sociedade, os negros. Percebeu-se que os periódicos procuravam ignorar a população negra e, quando a retratavam, era em um sentido de desqualificá-la. E, ao fazerem isso, mostravam também o modelo de sociedade e de homem que projetavam, tendo o futebol um importante papel de legitimar esse modelo, carregado dos valores da burguesia européia que foram transferidos junto à prática para o Brasil. Logo, o futebol se consolidou como um dos espaços de formação e exposição do homem moderno. Nessa configuração, o negro tinha seu lugar. Todavia, era preciso representar o modelo de homem daquela sociedade.

A metodologia estabelecida pela pesquisa restringiu as histórias às contadas pelos jornais, o que refletiu em um olhar da elite sobre a elite. Não foram encontradas informações mais ricas em detalhes a respeito do futebol e de seus praticantes, dificultando um melhor entendimento do cenário em questão. Este trabalho trouxe à luz algumas discussões sobre o futebol em Campinas, entretanto há muito ainda que poderia ser estudado a partir de outras fontes ou análises.

Uma das questões mais interessantes que surgiram foi a existência de inúmeras partidas de times com selecionados brancos contra times com selecionados negros, mas que ficou sem resposta dada a falta de informações. Esses jogos, ocorridos tanto em âmbito nacional (negros de São Paulo x Brancos do Rio de Janeiro¹¹³) quanto em âmbito regional (jogos ocorridos em Campinas¹¹⁴) podem trazer novas discussões sobre esse tema, se talvez forem analisados partindo de diferentes fontes.

Por mais que os jornais e a literatura pouco indicaram a participação do negro no futebol campineiro no período estudado, foi possível constatar sua presença por meio de fotos encontradas ao longo do estudo¹¹⁵. E mesmo não tendo sido encontrado casos

¹¹³ Existem informações a respeito de jogos nacionais de brancos contra negros em Mario Filho, *Op. cit.*, p. 218.

¹¹⁴ Sobre jogos em Campinas: *Diário do Povo* 12 de fevereiro de 1929, *Correio Popular* 20 de abril de 1930.

¹¹⁵ Ver em ROSSI, Sergio. A História da Associação Atlética Ponte Preta: Os Primeiros 35 anos 1900-1935. v. 1. Campinas: Arquivo Histórico da A.A.P.P., 1989, SANTOS NETO, José Moraes, O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta. Campinas: Komedi, 2000, SANTOS NETO, José Moraes. Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, ZAGO, Vitorio Luis de Oliveira. O Futebol em Campinas: A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, 2002. Muitas fotos também podem ser encontradas no arquivo do Centro de Memória da Unicamp, sobre tudo o acervo do fotógrafo V8.

de proibição a negros de participarem do futebol, não seria novidade se existissem tais documentos. Campinas, assim como muitas outras cidades, desenvolveu seu futebol procurando distinguir os personagens dignos da sociedade e de serem exaltados nos jornais dos integrantes das classes populares. Nesse contexto, o negro dificilmente teria qualquer chance de acesso ao futebol. Já no contexto dos times cuja formação permitia a participação de populares, o negro se fez presente. Entretanto, não proporcionalmente a sua população, mas apenas os poucos que possuíam os pré-requisitos necessários a pertencer aos grupos identitários.

É difícil dizer em que medida o negro foi impedido e discriminado pela sociedade dentro do contexto futebolístico, mas esse estudo pode trazer algumas discussões que revelam como o negro era visto pela sociedade, o que o futebol representava nesse período e as formas que o futebol foi se configurando. E a partir disso pôde se pensar os possíveis significados da participação dos negros nos primórdios do futebol.

Referências Bibliográficas

- ABRAHÃO, Fernando Antonio. *Criminalidade e modernização em Campinas: 1880 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- ALMEIDA, Gastão Thomaz. *Imprensa do Interior: um estudo preliminar*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOTELHO, André Ricardo Maciel. “Da Geral à Tribuna, da Redação ao Espetáculo: A Imprensa Esportiva e a Popularização do Futebol (1900-1920)” In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pereira (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica entre os torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JR., César. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol.” In: HELAL, R.; SOARES, J.: LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- LUCENA, Ricardo de F. “O esporte e a cidade no Brasil do início do século XX” in: LUCENA, Ricardo de F. e SOUZA, Edílson Fernandes. *Educação Física: esporte e sociedade*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.
- MACIEL, Cléber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926)*. Campinas: CMU, 1997.
- MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos, ESCHER, Thiago de Aragão. *Futebol e sociedade*. Brasília: Líber Livros, 2006.

- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2^a ed., 1964
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva 1993.
- ROSSI, Sergio. *A História da Associação Atlética Ponte Preta: Os Primeiros 35 anos 1900-1935*. v. 1. Campinas: Arquivo Histórico da A.A.P.P., 1989.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000
- SANTOS NETO, José Moraes. *Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia. *Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SESSO, Geraldo. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Palmeira Limitada, 1970.
- SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. “Sobre *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho” In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pereira (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006, pp. 287-312.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.23.
- SOARES, Antonio Jorge. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. São Paulo: Revista paulista de Educação Física, jan/jun 1999, pp. 119-29
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: Raízes Europeias e Brasil*. 3. ed. Campinas, Autores Associados, 2004.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2001.
- ZAGO, Vítório Luis de Oliveira. *O Futebol em Campinas: A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, 2002.

Jornais

O Baluarte
Camélia, a Orgam Literário
Campinéia, A Folha Literária e Humorística
Cidade de Campinas
O Correio de Campinas
Diário de Campinas
Diário do Povo
Gazeta Gymnasial
Getulino
O Mensageiro
A Voz Operária

Arquivos

Arquivo do Centro de Memória, UNICAMP (CMU)
Arquivo Edgar Lauenroth, UNICAMP (AEL)
Arquivo da Rede Anhanguera de Comunicação